



O FILOSOFAR NA ESCOLA: UMA PRÁTICA POSSÍVEL?

Vantielen da Silva Silva¹

Dirlei Cherne da Cruz Ilivinski²

RESUMO: As perspectivas atuais da educação correspondem a uma sociedade que valoriza o saber fragmentado e a reprodução de informações; por isso, há grande necessidade de uma prática de ensino reflexiva, por meio da inserção da filosofia na escola. Assim, o objetivo deste estudo é analisar as possibilidades e contribuições do ensino da filosofia para crianças, não apenas como uma disciplina de conteúdos histórico - filosóficos, mas como diálogo reflexivo: a prática de pensar respeitosa e cuidadosamente sobre o que nos é ensinado, nossa sociedade e a sua problemática.

Palavras – chave: crianças, educação, filosofia.

INTRODUÇÃO

Num primeiro olhar, definimos a filosofia como uma disciplina acadêmica, de conteúdos complexos, com caráter enciclopédico e totalizador. Porém, essa limitação do senso comum nos instiga a buscar outras concepções da filosofia e, assim, conhecer os aspectos primordiais de sua prática.

O ensino da filosofia, para que seja significativo na atualidade, deve apresentar subsídios convincentes para a escola, docentes e discentes a fim de que se torne interessante e produtivo aos mesmos. Sabemos que atualmente, no âmbito educacional, a filosofia tem sido objeto de discussão para inserção obrigatória no ensino médio. Porém, como prática reflexiva, ressaltamos que tal disciplina é fundamental também nos primeiros anos escolares.

Quando nos referimos à filosofia para crianças, nos deparamos com um polêmico questionamento: quem são essas crianças, elas são capazes de filosofar? Ou, então, é possível ensinar filosofia para crianças?

O Estatuto da Criança e do Adolescente / ECA (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990) considera criança a pessoa até doze anos incompletos, por isso, essa pesquisa trata do ensino da filosofia na educação infantil e também nas séries iniciais do ensino fundamental, principalmente. As crianças são capazes e devem filosofar, pois

¹ Graduada em Pedagogia pela Faculdade Guairacá (2009) e está cursando Especialização em Formação de Professores para Docência no Ensino Superior, na Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO. vantielen@yahoo.com.br

² Docente da Faculdade Guairacá do curso de Pedagogia. dilivinski@gmail.com

apresentam características comuns ao hábito filosófico: não se cansam de perguntar; elas tentam compreender o mundo, a si mesma e também aos outros, buscam respostas que as satisfaçam, observam, analisam, e não se contentam com as afirmações dadas pelos adultos. Ao nos tornarmos adultos perdemos a capacidade de descobrir e maravilhar-se com o mundo, acreditamos que as respostas são óbvias e inquestionáveis, por isso, o ensino da filosofia tem por meta manter vivas essas características, fazendo com que não tenhamos medo de expressar nossas idéias e nem nos contentemos com conteúdos acabados. Ainda nessa perspectiva, dizemos que a filosofia durante toda a escolaridade instiga o aluno a pesquisar, a buscar o conhecimento, além de ter consciência de sua cidadania.

1. A FILOSOFIA E AS PERSPECTIVAS ATUAIS DA EDUCAÇÃO

Atualmente o sistema de ensino traz princípios voltados à competitividade, vestibular e mercado profissional. É visível, nesse aspecto, uma escola transmissora de conhecimento, imposição de conteúdos, sem um mero detalhe de reflexão e formulação de conceitos; essa inteligência manipulada possui poucos valores e quase nenhum princípio social, cultural, político. Por isso é tão importante integrar a filosofia na escola, não necessariamente como matéria isolada, mas como reflexão de conteúdos: pensar respeitosa e cautelosamente sobre o que nos é ensinado, sobre a nossa realidade e o que poderia estar sendo modificado, uma busca pelo desconhecido.

A sociedade, em geral, é pragmática, ou seja, só é dado valor para aquilo que tem resultado ou beneficia o indivíduo imediatamente. Essa preposição nos faz perceber que no âmbito educacional essa realidade se agrava, principalmente quando falamos em filosofia, já que a mesma não oferece para a educação resultados imediatos. Porém, se considerarmos que a educação é um processo lento, cauteloso e com resultados em longo prazo, chegamos ao conceito de Paidéia que vincula diretamente o ideal da filosofia com o papel da educação: formar plenamente o homem para a vida em sociedade. Nesse parecer identificamos a teoria de filósofos clássicos - como Sócrates e Platão - com a idéia de que precisamos formar homens que pensem por si, sejam críticos e exerçam cidadania responsável.

Esses fatores levam a muitos questionamentos e dúvidas por parte dos professores e alunos, que buscam subsídios para esclarecer o que é e para que serve a filosofia. Esses questionamentos histórico - filosóficos nos permitem identificar a fundamentação que sustenta o ensino da filosofia, que precisa perder o caráter aristotélico - platônico e ampliar-se ao que é de sua essência: o diálogo reflexivo.

Em relação a esse conceito, CHAUI (2005, p.17) afirma que a filosofia é:

O FILOSOFAR NA ESCOLA: UMA PRÁTICA POSSÍVEL?

A decisão de não aceitar como naturais, óbvias e evidentes as coisas, as idéias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana; jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado e compreendido.

Dessa forma, apontamos que a filosofia deve abrir-se à realidade do aluno, como prática reflexiva, deve partir da problemática vivenciada por eles, fazendo com que vençam a imposição das classes dominantes e tenham argumentos e ações possíveis de transformar a sociedade. Nesse contexto, é perceptível que a globalização está acentuando a crise educacional: a mídia, a internet e outras tecnologias têm influenciado nas ações pedagógicas, por este motivo, a escola deve ser uma instituição capaz de preparar para a vida cidadã. Como cita GHEDIN (2008, p.27):

Ademais, saliento a especificidade da filosofia no processo de ensino de Filosofia, em que a atividade filosófica aparece como uma tentativa de desmistificação dos falsos sentidos e dos falsos significados do mundo imposto pela ideologia. Distingo dessa atividade um suporte para compreender a realidade sem deixar-se enganar pelas falsificações. Assim, sustento que a filosofia, como atividade reflexiva, pode ser uma arma contra a alienação.

É possível afirmar que estamos vivenciando crises de concepções, paradigmas onde se valoriza mais a difusão de informações do que o próprio conhecimento. Para essa “sociedade de informação” o ensino adequado é aquele que torna o aluno capaz de refletir e discernir sobre os malefícios que essas informações podem trazer, distinguindo o que é real ou fictício, e também o que é útil para o seu conhecimento, para sua conduta e para enfrentar os problemas da vida. Dizemos então, que essa é uma forma de educar plenamente, fazendo com que os alunos cresçam e não embruteçam, tirando-os - como diria Platão - de sua “caverna”, tornando-os aptos a confrontar o senso comum pela reflexão filosófica, pelo pensar livre. “A filosofia e o pensar – ou, talvez, a filosofia e a busca pelo pensar melhor – andam de mãos dadas”. (LIPMAN, 1990, p.175).

Quanto ao ensino da Filosofia, Kant apud HORN diz que não se pode ensinar filosofia, mas ensinar a filosofar. Não podemos nos prender a conteúdos e ao repasse de informações, também é necessário elucidar que todos os homens são capazes de filosofar e aperfeiçoar seu pensamento progressivamente de forma a tornar-se um ser autônomo. Obedecer a regras, mecanicamente ou por medo, significa paralisia da inteligência, é reduzir o homem a condições piores que a dos animais, é esta explicação kantiana que deveríamos considerar para uma educação plena.

Nesse contexto, é perceptível a idéia de que precisamos tornar os nossos alunos aptos a pensarem por si próprios, como sujeitos construtores do próprio

conhecimento; não é necessário ensinar a eles conteúdos, nem ensinar pensamentos, é necessário ensinar a pensar.

A pedagogia kantiana se alicerça na idéia do esclarecimento: o homem precisa sair de sua ignorância, sua menoridade. De acordo com Lima (2008) “esclarecimento significa ser livre, possuir autonomia, ser senhor de si mesmo por um processo de melhoria moral e cultural”. Assim, o homem atinge sua maioridade quando deixa de ser vítima de respostas do mundo e passa a formular as suas próprias idéias e conceitos, percebe que o mundo é movimento e é preciso refletir sobre os problemas do nosso cotidiano e frente a isso tomar uma atitude filosófica.

1.1 - A IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA NO ESPAÇO ESCOLAR

Há muitos anos se busca significados para fundamentar, interpretar e justificar a importância da filosofia para a educação e para a formação do homem. Porém, ao longo dessa história associamos a filosofia como privilégio de elites e a mascaramos como algo desagradável, incompreensível e inacessível.

A princípio, mencionamos que a filosofia é característica daqueles que estão constantemente refletindo sobre sua vida, sobre a sociedade e seus problemas, e não apenas daqueles que seguem uma corrente filosófica. A filosofia instiga ao conhecimento, à sabedoria, esta que não é uma técnica, mas a união da prática e da teoria, que parte do exercício do pensamento e não da experimentação, nos aproximando, dessa forma, da natureza filosófica.

Quando expomos a necessidade de inserir a Filosofia na escola, propomos uma reformulação no modelo educacional da atualidade: a escola é um ambiente padronizado e conservador, desde sua estrutura física até seu currículo, “ela produz e reproduz saberes e valores afirmados socialmente” (KOHAN, 1998, p. 86). Mesmo diante da pedagogia crítica, o tradicionalismo permanece sem muitas alterações.

Detectamos, então, que a filosofia e a educação caminham juntas, mas quando se estabelece a relação filosofia - escola surgem muitos pontos e contrapontos, porque a escola se mantém homogênea e uniforme, contrariando a complexidade e o caráter desafiador da filosofia.

OLIVEIRA (2004), em seu artigo, confirma essa descrição:

A escola está interessada em respostas; a filosofia quer perguntar. A escola busca o igual, a padronização; a filosofia, o diferente. A escola quer a construção; a filosofia prefere desconstruir.

Esse julgamento ocorre porque a escola é um dos fragmentos da sociedade, e precisa se unificar, tanto o ambiente escola quanto sua ligação com a sociedade; necessita também de uma ação pedagógica humanizada que exclua a materialista, esta é também um dos fundamentos importantes para inserção da filosofia, porque na sua especificidade trabalha com o mundo interior e subjetivo dos alunos. Do mesmo modo, os paradigmas tradicionais da educação devem ser superados por

uma proposta filosófica - pedagógica, os quais seguem os seguintes fatores citados por WONSOVICZ (2005, p.87):

- 1 – O processo educativo acontece em uma comunidade de aprendizagem investigativa, orientada pelo professor como proposta de desenvolver a compreensão e os julgamentos adequados.
- 2 – Estímulo aos alunos para pensarem sobre o mundo, vendo-o como ambíguo e inexplicável.
- 3 – As disciplinas não são nem completas, nem coincidentes, os conhecimentos dos temas propostos são bastante problemáticos.
- 4 – O professor é maleável e falível com relação ao conhecimento.
- 5 – Os alunos podem e devem pensar e refletir, desenvolvendo cada vez mais os porquês das relações contidas nos temas investigados.

A proposta do ensino da filosofia é oportunizar a escola um espaço privilegiado de cultura do pensamento, este que busca a totalidade dos fatos, a verdade, mas não sua finitude, mesmo porque o conhecimento é inacabado. Assim, no âmbito escolar a filosofia trata de uma educação para o pensar, que pressupõe uma busca por investigação, discussão e ação. Podemos mencionar, também, que sua ausência no espaço escolar torna mais fácil a manipulação de pessoas, fator correspondente a uma sociedade consumista cuja educação produz uma massa de homens sem consciência.

LIPMAN (1990, p.31), sobre esse aspecto, reconhece:

Fazer com que discutam assuntos que lhes são indiferentes priva-as dos prazeres intrínsecos de se tornarem educadas e abastece a sociedade com futuros cidadãos que nem discutem o que lhes interessa nem se interessam pelo que discutem.

“A filosofia é interdisciplinar por excelência” (LIPMAN, 1990, p.10) e por estar ligada diretamente ao pensamento não pode ser vista como teoria de compreensão difícil ou mais uma matéria a ser ministrada, pois é através do diálogo reflexivo – característico da filosofia – que o aluno irá criar hipóteses e validar acontecimentos do seu cotidiano. Ao mesmo tempo, sendo interdisciplinar, permitira a reflexão sobre os demais conteúdos, proporcionando uma aprendizagem ampla e não superficial.

A filosofia tem como fundamento proporcionar, no espaço escolar, as condições de humanização: os alunos que formamos devem compreender de forma complexa a realidade em que vivem, sendo capazes de superar os desafios impostos por este mundo contemporâneo.

WONSOVICZ (2005, p.29) descreve que:

A Filosofia na escola dentro de uma didática filosófica que começa com crianças e continua com adolescentes e jovens, é um saber sobre o homem e a realidade, sobre o mundo, para compreendê-lo e transformá-

lo, dentro de um processo dinâmico de apreensão das significações históricas da realidade humana, de maneira humilde e processual.

Portanto, o ensino da filosofia depende de métodos que não sejam técnicas pragmáticas, assim, Cunha (2002, p.19) discorre que a proposta da filosofia na educação, possui algumas direções de intervenção: ambientar e incentivar as habilidades de diálogo, de pensamento, de investigação e de apreciação de conceitos filosóficos, relacionando as temáticas específicas.

Essas propostas nos fazem entender que o ensino da filosofia requer alunos que pensem filosoficamente, afinal, a formação crítica e criativa diz respeito a um pensar criterioso, de responsabilidade e análise, porque as metas não correspondem a conscientização ou sensibilização momentânea do aluno, já que nas escolas atuais isso é um fator comum. Ser filosófico requer cuidado na formulação de conceitos.

Vale ressaltar, que para ensinar filosofia é preciso considerar a sua especificidade: o filosofar, como uma práxis formadora de atitude filosófica e de relação dialógica entre o pensamento e o mundo.

O filosofar é uma atividade filosófica que nos permite compreender e interpretar a realidade de forma autêntica, dizemos que é uma ação revolucionária, capaz de superar a alienação social, política e econômica.

O processo de filosofar proporciona que os alunos pensem sobre as relações de poder existentes na sociedade e que criem responsabilidade para atuar e interferir nessa realidade – este que é o objetivo social do ensino. Mais do que alicerçar as ações de nossos alunos no mundo, a filosofia serve também para pensar outras dimensões de sua existência: suas angústias, sofrimentos, inquietações e as relações que estabelece com as outras pessoas.

WONSOVICZ (2005, p.21) esclarece que:

Buscamos um filosofar vivo evitando, assim, uma filosofia reducionista e alienada, ou um estudo limitado à descrição biográfica ou uma panorâmica histórica das escolas filosóficas. Busca-se um filosofar exigente, que coloque as crianças e jovens diante da própria existência.

Aristóteles apud CUNHA (2002, p.47) já ensinava que filosofar é fazer perguntas sobre o óbvio, buscar o sentido escondido por trás das aparências mais familiares. Nessa perspectiva, o filosofar nos permite estar em constante processo de aprendizagem; é mais prazeroso e significativo ao conhecimento fazer perguntas do que encontrar respostas.

O filosofar é um processo teórico e prático indissolúveis, “separá-los é arriscar a perda da própria possibilidade de reflexão e compreensão, constitui a negação da identidade humana” (GHEDIN, 2008, p; 79), isto é, diante da alienação o homem tem excluído a sua capacidade dialética de pensar e agir reflexivamente,

atuando muitas vezes de forma mecânica e inconsciente, com isso, deve-se filosofar sobre o pensamento, o real e o concreto.

O processo de filosofar liga-se diretamente à humanização do homem: lhe dá noção de consciência, liberdade, responsabilidade, além de oportunizar um pensar crítico. É na escola que os alunos se apropriam desse pensar; é através de um investimento duradouro nessa educação que eles passam a descobrir e questionar por si mesmos.

Um indivíduo que possui a capacidade de analisar e discutir problemas de forma inteligente e racional, sem aceitar, automaticamente, as opiniões próprias ou alheias, é alguém dotado de um pensar crítico [...] O pensador crítico questiona e analisa as coisas não porque alguém exige que ele o faça, mas porque no fundo, ele tem um desejo de compreender”. (CARRAHER apud GHEDIN, 2008, p.62 -63).

Quando valorizamos a capacidade de pensar original e ponderadamente de nossos alunos, caminhamos para a emancipação do homem, para a melhoria da qualidade de vida: modificando hábitos estabelecidos, aceitando a diversidade social, proporcionando uma convivência harmoniosa com os outros e ampliando a visão de totalidade do “ser no mundo”.

Dessa forma, o poder de reflexão é característica natural do homem, no entanto, precisa ser desenvolvida de maneira a se entender que é um exercício interrogativo sobre as afirmações e imposições das classes dominantes, estas que se apoderaram da educação com a finalidade de formar homens reprodutores de um pensamento ideológico, isto é, a educação passou a ser um instrumento fácil e exclusivo do Estado que, ao invés de superar as alienações, acentua tais desigualdades.

A educação e a escola necessitam transgredir essa lógica que condena todos ao não-ser, ao não-pensar, à não-liberdade. A escola, em particular, precisa aprender a lição da transgressão ao Estado autocrático e, pela liberdade, instaurar a transgressão como pedagogia do pensamento. Com base em uma pedagogia de transgressão é que a escola pode retornar o seu espaço originário: ensinar a pensar para que se possa refletir, a fim de romper com a lógica da tradição imposta ideologicamente pelo Estado. (GHEDIN, 2008, p.65)

“Por décadas se tem educado não para o pensar, mas para a domesticação” (GHEDIN, 2008, p.68). Assim, se há necessidade de mudar a sociedade contemporânea, há então, necessidade de iniciar essa mudança nos parâmetros educacionais a fim de evitar a redução da inteligência e personalidade humana ou a formação de homens que apenas cumprem as prescrições sociais; a escola precisa perder o caráter de reprodução ideológica.

Por isso é tão importante fazer filosofia, porque a mesma enaltece as características humanas essenciais: a criatividade, a criticidade, o pensamento

reflexivo, entre outros, que são podados no sistema de ensino capitalista. Por conseguinte, afirmamos que o filosofar valoriza as experiências vividas pelos alunos, exclui as características alienantes, cultiva a busca pelo descobrir e pelo conhecimento.

2. O PROCESSO DE FILOSOFAR COM CRIANÇAS

A filosofia na escola propõe um campo de reflexão filosófica que até então estava distante dos objetivos da educação à infância, isso porque a teorização do filosofar na escola é contraditória, percebemos que existem subsídios para essa prática com crianças e que há propostas que possibilitem a sua inserção; no entanto, não se tem valorizado o potencial filosófico das crianças.

Tendo como necessidade o esclarecimento desses conceitos, partimos da compreensão da infância: conceituá-la é tão complexo quando a própria filosofia recebe definições científicas, ideológicas, sociológicas e até filosóficas. Durante um longo período histórico a infância era definida com inferioridade, uma fase de inexistência de saberes ou experiências, as crianças eram igualadas aos escravos e mulheres, e não podiam se manifestar e nem ocupar livremente a sociedade. Porém, a pedagogia moderna amplia e modifica esses conceitos; os sentimentos que envolvem a infância valorizam seus saberes, desejos, pensamentos e, também, a subjetividade infantil e a capacidade intelectual das mesmas.

Em Triches (2006) encontramos argumentos de que Platão criou as primeiras idéias sobre a infância, na qual “as crianças são as futuras formadoras de opiniões - adultos a atuar na sociedade (polis)”, portanto, ele situa a infância numa problemática política, é marcada pela busca de uma sociedade mais justa, um futuro melhor. Importante ainda destacar que este filósofo juntamente com Sócrates colocava a admiração como princípio da filosofia. Tal admiração é considerada natural na infância, pois as crianças para construir significados e valores ligam-se ao mundo de forma a admirá-lo e questioná-lo. Ao contrário de um adulto que perde essa capacidade ao longo de sua existência, por acreditar que já encontrou todas as respostas para as suas dúvidas.

Conforme afirma LIPMAN (1990, p. 223):

Se não podemos fazer filosofia com crianças, privamos sua educação do verdadeiro componente que pode fazer tal educação mais significativa. E se negamos às crianças uma educação significativa, asseguramos que à ignorância, irresponsabilidade e mediocridade que prevalecem atualmente entre os adultos, continuarão a acontecer.

Sócrates apud TRICHES (2006), declara que o que se aprende na infância é imodificável, por isso essa fase deve ser conduzida de forma a favorecer o futuro, crianças não podem presenciar relatos mentirosos, caluniosos ou que possam causar estragos na sociedade.

Semelhante a essas considerações, Kant apud CUNHA (2002, p.31) afirma que “o homem é a única criatura que precisa ser educada, entendendo educação por cuidar da sua infância”. Essa filosofia foi inspirada em Rousseau que criou a pedagogia da infância e passou a valorizar a criança como ser capaz de agir e pensar.

WONSOVICZ (2005, p.40), quanto à proposta pedagógica de Rousseau para a infância, afirma:

O seu fazer pedagógico mostrava que o quanto mais simples e natural, mais eficaz seria o método, portanto educar é adequar-se a realidade natural [...] Assim, a primeira educação consistiria em dominar com equilíbrio e moderação, os sentidos humanos, submetendo-se a uma razão moderada, prudente e adequada.

Para Rousseau apud SILVA (2005, p. 79) “não se deve dar à criança tudo o que ela pede, pois é cedendo que se criam os miseráveis, devemos sempre dar o que elas precisam.” As crianças são carentes de tudo: conduta, valores, autonomia e liberdade, tais carências são supridas pela educação, sem descuidar dos limites necessários a convivência social.

Essa fundamentação nos faz entender a infância como a preparação para a maioria, por este motivo a educação é tão enfatizada nesse período; cuidar da infância é assegurar uma geração de homens comprometidos com o mundo – emancipados - capazes de pensar filosoficamente, estabelecendo um pensamento cuidadoso sobre os fatores que lhe cercam: “que pense criticamente o que já foi pensado e criativamente o que ainda não foi pensado” (CUNHA, 2002, p.30).

Para Kohan (2005, p.39) “a infância é um degrau fundador na vida humana, a base sobre a qual se constituíra o resto”, por isso, a prática educativa com crianças precisa trabalhar com as questões do pensamento – o filosofar.

TRICHES (2006, p. 87) complementa:

A filosofia está em sintonia com as crianças. Como Cícero já nos mostrou: a natureza instalou em nossas mentes um desejo insaciável de ver a verdade. Se esse desejo for estimulado em nossas crianças desde a mais tenra idade, certamente o exercício de sua cidadania esta sendo potencializado.

A filosofia dá à criança o direito de pensar: investigar e questionar o seu papel no mundo, na sociedade, o que ela pretende ser, tornando-a disposta a aprender a aprender, do mesmo modo que identificamos o dever da escola e dos professores em ensinar a pensar.

2.1 – O PROGRAMA FILOSOFIA PARA CRIANÇAS E A COMUNIDADE DE INVESTIGAÇÃO

A presença da filosofia na educação infantil e no ensino fundamental proporciona uma mudança de mentalidade, já que os métodos e práticas educativas estão ainda vinculados à reprodução de conhecimentos acabados que, posteriormente, caem no esquecimento. Este marco doutrinário contraria o próprio filosofar, que é caracterizado pelo desenvolvimento de habilidades cognitivas por meio de discussões filosóficas, as quais permitem que as crianças pensem livre e racionalmente. Oportunizar o filosofar para crianças é ao mesmo tempo educar na cidadania, tornando - as capazes desse exercício.

As crianças quando iniciam a escolaridade apresentam-se motivadas a aprender, curiosas e maravilhadas, porém, com o tempo, os anos de estudo se tornam bagagens pesadas, perdem o ânimo e são limitadas ao descobrir; tudo o que lhes é ensinado exige memorização, cópias de conteúdos e respostas prontas. Apesar das diversas tendências pedagógicas, ainda há predominância do tradicionalismo, e este paradigma precisa ser quebrado, a qualidade de ensino deve ser priorizada e as crianças precisam ser expostas a julgamentos reflexivos e não a mera aceitação de idéias e conteúdos, sendo este o caminho pelo qual se chega ao conhecimento.

Conforme KOHAN (2005, p.109):

As crianças que praticam filosofia desenvolverão um pensar cada vez mais refinado, superior, excelente, se afirma. Coitadas das que não tenham acesso a ela! Terão, por contraposição, um pensar cada vez mais ordinário, vulgar, endêmico.

Essa proposta de ensino de filosofia para crianças não é nova, surgiu no final da década de 60, idealizada pelo filósofo americano Matthew Lipman, porém, chegou ao Brasil na década de 80, quando Catherine Young Silva fundou em São Paulo o Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças, sendo este um diferencial na área educacional, caracterizado pela educação para o pensar. Esse projeto filosófico educacional está se expandindo até hoje nas escolas do país, porque permite, através do diálogo, aprofundar e melhorar o conhecimento de si e do mundo. A proposta apresenta inúmeros subsídios filosóficos: cartilhas, roteiros, novelas, charges, entre outros. Tem como objetivos principais a iniciação filosófica de crianças e jovens, educação para o pensar e a preparação para uma cidadania responsável.

Filosofar com crianças exige mais do que um comprometimento docente, exige um aperfeiçoamento nas estratégias escolares: desde os conteúdos a serem trabalhados até o ambiente que envolverá esse trabalho. Como conteúdos entende-se aqueles que realmente causam a inquietação do pensamento e são compatíveis à realidade. A filosofia nos permite nomear esses conteúdos como temas de

interesse, que serão discutidos numa proposta de transformar a sala de aula em uma comunidade de investigação e questionamento. Esta permite que as crianças internalizem dois hábitos básicos: “o hábito do pensamento reflexivo e o hábito do diálogo investigativo” (KOHAN, 1998, p. 19), o primeiro se define como um exame do próprio pensamento e o segundo, nos mostra que para saber algo é preciso investigar de forma competente, isto é, de uma maneira que transforme as vivências da criança numa experiência refletida, compreendida.

A comunidade de investigação e questionamento afasta as crianças das passivas aulas expositivas, não se trata apenas de desenvolver o seu intelectual, mas fortalecer a capacidade emocional e de discernimento: se a criança gosta, ela aprende e se interessa, por isso os temas para reflexão, ou a problemática que se discute devem ser acompanhadas de estratégias lúdicas prazerosas e alegres.

Para entendermos as especificidades da comunidade de investigação e questionamento, também nomeada em alguns momentos como comunidade reflexiva de investigação, ressaltamos a definição de KOHAN (1998, p.73):

Como comunidade: um lugar onde há segurança no sentido intelectual, alegria, respeito pelas pessoas, qualquer pergunta é bem recebida, aprecia-se a diversidade de pontos de vista, escutar é tão importante quanto falar/ aguardar a sua vez, a comunidade estabelece suas próprias regras, todos estão aptos a contribuir.

Como comunidade reflexiva: um lugar onde há reconhecimento explícito, metacognitivo, reflexivo e conscientemente articulado dos parâmetros e critérios que funcionam na comunidade. Por exemplo, os critérios que definem um “lugar seguro”, ou os que serão usados para decidir se uma discussão foi ou não bem sucedida.

Como comunidade reflexiva de investigação: um lugar onde há co-investigação: ninguém no grupo sabe a resposta, nem para onde levará a investigação. Esta terá, no entanto, um componente autocorretivo.

Em outras palavras, diz-se que este é um ambiente agradável de igualdade, onde se estabelece desde cedo as responsabilidades com o meio, com os outros, e consigo mesmo, também se desperta o fascínio por discussões filosóficas, prevalecendo o reino dos “porquês”, das perguntas problemáticas, abertas, surpreendentes e contraditórias.

Em vista disso, as discussões filosóficas caracterizam a pedagogia da pergunta - metodologia utilizada na comunidade de investigação. O papel do professor não é dar respostas, mas incentivar as perguntas, fazendo com que os alunos busquem incansavelmente respostas que lhe inquietam o pensamento: encantar-se, maravilhar-se, duvidar são atitudes básicas do filosofar. Nesse momento de conversação, as crianças precisam sentir-se seguras emocional, física e intelectualmente, para que possam participar dos questionamentos sem prejudicar a idéia dos outros, e que também possam se apropriar delas para criar seus próprios conceitos e opiniões. Permite também que, enquanto ser social seja construído valores, como respeito mútuo, cooperativismo e solidariedade.

As perguntas filosóficas provocam o movimento do pensar, coloca em questão nossa subjetividade, por este motivo, nos deparamos com a idéia de nunca encontrarmos soluções a essas perguntas, característica pura da filosofia: perguntar é uma indagação sobre as verdades estabelecidas. A filosofia não sistematiza nem unifica os saberes; por meio de uma ação problematizadora, tenta interpretar essas verdades de forma coerente ao seu tempo: em cada época histórica existe uma interpretação de fatores como política, verdade, justiça e paz e distinguir esses conceitos é um exercício do pensamento: a reflexão.

GHEDIN (2008, p.74) salienta:

A reflexão é um movimento do pensamento que se volta, sistematicamente, sobre o próprio pensamento. Busca a compreensão de si, do ser no mundo como consciência que age responsabilmente na transformação da realidade.

É nesse contexto que as crianças começam a construir seu caráter e esta será referência na sua atuação cidadã, ou seja, esse “futuro” cidadão não irá atuar na sociedade apenas por criar conceitos ou aceitar leis, mas modificá-la por sua conduta e integridade pessoal, como descreve Lipman (1990, p.77) “as crianças serão honestas não por temerem as punições que acompanham a desonestidade, mas por prezarem e terem consciência da honestidade”. Este pensar filosófico favorece pensamentos completos em falas coerentes, onde não há contradição sobre o que se pensa, fala e age. Dizemos ainda, que fazer com que uma criança pense originalmente é uma ação revolucionária, faz com que ela produza críticas sobre sua própria existência – ação racional do homem.

É importante ressaltar também a especificidade do trabalho docente na comunidade de investigação: inicialmente, o professor precisa definir regras básicas, procedimentos e o tempo conforme a concentração de seus alunos. Nas primeiras aulas, para que ocorra a conversação, ele precisa não só lançar as perguntas, mas contribuir nas conclusões das crianças; gradativamente, ele sai de cena permitindo a troca dialógica entre aluno-aluno, fazendo com que os alunos não apenas pensem, mas pensem melhor.

Segundo LIPMAN (1990, p.173):

O ensino da filosofia requer professores que estejam dispostos a examinar idéias, a comprometer-se com a investigação dialógica e a respeitar as crianças que estão sendo ensinadas.

O Programa Filosofia para crianças é uma proposta não imutável, serve de orientação para o professor ao planejar suas aulas, no entanto, este precisa tomar cuidado quanto a interrogação das crianças, pois elas filosofam tendo como ponto de partida suas próprias experiências, e os diálogos filosóficos tomam um rumo

espontâneo, no entanto, deve-se evitar crenças irrefletidas ou preconceituosas. Os subsídios filosóficos têm por meta acabar com essas opiniões inadequadas a fim de construir uma sociedade de direitos comuns a todos.

O ensino da filosofia prevê a educação filosófica do pensamento, tendo como desafio destruir a submissão de idéias e as concepções das aparências externas – o senso comum - compreendendo a realidade subjetivamente. Por este motivo, as aulas de filosofia para crianças devem encantá-las e oportunizar aspectos que fundamentem a investigação e o diálogo, a fim de que compreendam a sua existência.

Hipoteticamente, a escola pode implantar as aulas de filosofia como atividade extraclasse, aulas semanais incluídas no currículo ou como método de trabalho do professor - enfatizando seu caráter interdisciplinar. Todavia, como o ensino de filosofia para crianças não possui obrigatoriedade, não é necessário nos prendermos a conteúdos da história da filosofia, apesar dos questionamentos levantados sempre possuírem aspectos do pensar de filósofos clássicos. O pensar filosófico a qual nos destinamos parte da problemática criada pelos alunos, pois eles aprendem a partir de conflitos que vivenciam no seu cotidiano.

WONSOVICZ (2005, p.104) declara:

O programa filosófico - pedagógico tem com alunos e professores, três grandes objetivos para todos os segmentos escolares:

- 1 – Aprimorar a arte filosófica (pensar, dialogar, reconsiderar, argumentar, aprofundar e agir);
- 2 – Trabalhar a auto-estima pelo auto-conhecimento, pelo contrário, do pensar, pelo bem se expressar no grupo, pelo conhecimento das diferentes expressões da inteligência humana;
- 3 – refletir sobre a importância da lógica e da linguagem para a organização do pensamento e da ação, dentro de uma vivência ética, política e estética.

Para complementar essas definições usamos as idéias de Gallo (2008), as quais orientam que o ensino da filosofia deve compreender três eixos: histórico, temático e problemático, consideravelmente todos eles dentro do aspecto de ensino crítico-reflexivo. Referimo - nos aos conceitos e definições desses eixos:

Dentro do eixo histórico, percebemos a filosofia como tradicional, conteudista, ensino da sua história. Contudo, “isso não quer dizer que temos de ensinar apenas a História da Filosofia, mas situar historicamente nossa reflexão acerca da realidade contemporânea em diálogo com a Filosofia configurada em sua tradição” (GHEDIN, 2008, p.46), em outras palavras, para que seja significativo o ensino atual da filosofia precisa ser intercalado com a problemática e as temáticas filosóficas, ou seja, a realidade vivida por cada indivíduo muitas vezes se assemelha a reflexões consagradas na história da filosofia.

No eixo temático, encontramos temas e perguntas filosóficas clássicas: liberdade, justiça, amizade, coragem, tolerância, democracia e perguntas: de onde

eu vim? O que é o mundo? Quem sou eu? Aponta-se que trabalhar com esses campos temáticos é filosófico, mas não investigativo, causa intrigas, mas não dúvidas propriamente ditas, isso porque a conversação é induzida por um tema/palavra-geradora.

No eixo problemático, proporcionamos um filosofar que contempla a realidade dos alunos, sensibilizando-os com problemas vivenciados por eles e que não sejam superficiais, caso contrário, a discussão não será filosófica e nem se proporcionará o exercício do pensamento investigativo. Pensar investigando e cuidadosamente, é questionar sobre o que se crê ou o valor que se atribui às crenças, dogmas e experiências comuns do pensamento cotidiano; nessa prática é importante que as crianças perguntem mais do que respondam, vivenciem dúvidas e não uma consciência ingênua. Não se pode ter uma visão superficial da realidade, é preciso crer na condição do conhecimento inacabado, de modo a refletir cuidadosamente sobre as relações conflituosas existentes em nosso meio.

De modo semelhante, esclarecemos que as crianças vivem situações de conflitos – problemáticas – possíveis de reflexão. Mas filosoficamente precisamos também ensinar nossas crianças a problematizar situações e pensamentos que, acabam sendo ignorados pelas mesmas.

É indiscutível que todas essas pressuposições trabalham com as questões do pensamento. “Pensar é um modo de ser, de agir e de situar-nos no mundo como sujeitos históricos”. (GHEDIN, 2008, p. 53).

Avaliando essas concepções percebemos que o ensino da filosofia é minucioso porque se valida da reflexão e de atitudes filosóficas. Se a filosofia for vista apenas como uma disciplina a ser ministrada, não corresponderá às exigências de uma sociedade transformadora.

Portanto, podemos dizer que o diálogo e o pensar reflexivo são ferramentas indispensáveis ao ato de educar. As crianças que são instigadas a filosofar serão adultos sem dificuldades em aceitar o diferente, em abrir-se ao novo, a lutar por sua dignidade, ou por um mundo mais honesto. O pensar filosófico permitirá que não tenham dificuldades em aceitar ou expor idéias, terão fundamento suficiente para construir conhecimentos, estabelecer comportamentos democráticos e éticos, além de compreender melhor o mundo.

3. A ATUAÇÃO DOCENTE DIANTE DO PROCESSO DE FILOSOFAR NA ESCOLA

Um aspecto importante que envolve o filosofar na escola é quanto a formação e o preparo docente, os educadores precisam não apenas ensinar a filosofar, mas incorporar em si mesmo e em sua prática, a reflexão.

Como podemos perceber, as diversas mudanças educacionais têm proporcionado estudos cada vez mais sólidos sobre essa formação, isto porque contemplamos a educação da consciência crítica e do resgate aos valores essencialmente humanos. Desse modo, sabemos que o professor tem um grandioso

papel na formação dos alunos que vivenciam a problemática da sociedade tecnológica ou da era do conhecimento.

No cenário da educação atual tem sido enfatizada a expressão professor reflexivo, expressão esta que não deve ser consagrada como qualidade ou termo modista, mas como um conceito que precisa ser entendido para ser praticado, principalmente diante do ensino da filosofia. Assim, o professor reflexivo é aquele que atua num processo de reflexão na ação, que tem consciência que a rotina escolar é imprevisível, e que diante dos acontecimentos e incertezas, ele precisa encontrar novos caminhos para as práticas educativas.

“O cerne da reflexividade está na relação entre o pensar e o fazer, entre o conhecer e o agir” (LIBÂNEO apud PIMENTA, 2002, p. 54), por isso, dizemos que a formação do professor reflexivo deve priorizar uma postura de intelectual crítico, esta que é adquirida tanto na graduação quanto na formação continuada. Enfatizamos que a abordagem reflexiva na formação docente contraria a aquisição de técnicas conteudistas de ensino, pois o professor não pode se alicerçar em práticas repetitivas, utilitárias ou mecânicas, é essencial que sua práxis seja reflexiva, criadora e inovadora.

PIMENTA (2002, p.24), para afirmar esses pressupostos, declara:

O saber docente não é formado apenas da prática, sendo também nutrido pelas teorias da educação. Dessa forma, a teoria tem importância fundamental na formação dos docentes, pois dota os sujeitos de variados pontos de vista para uma ação contextualizada, oferecendo perspectivas de análise para que os professores compreendam contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si próprios como profissionais.

Em outras palavras, o trabalho docente não é uma técnica reprodutora de conhecimento, é uma ação transformadora; ser reflexivo é expandir-se para além dos problemas internos da sala de aula, é estabelecer um processo contínuo de descobertas, pesquisas e ações conscientes.

Segundo Saviani (2002, p. 09) “toda educação deve ter uma orientação filosófica, e a filosofia desempenha papel imprescindível na formação do educador”. O professor reflexivo é aquele que, ao mesmo tempo em que supera o senso comum, adquire consciência e atitude filosófica. Estas características correspondem a professores que atingem a autenticidade de sua formação, por meio da problematização educacional.

Para atuar na educação, é preciso estar consciente dos desafios a serem enfrentados, e que através do enfoque filosófico – pedagógico vencemos o enciclopédico. Desse modo, é indispensável que o professor reconheça que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2007, p. 47).

Freire nos fornece uma abordagem filosófica muito ampla em relação a formação desse educador crítico. Sua teoria complementa a necessidade da

inserção da filosofia na escola acompanhada do comprometimento docente. Para ele, “o professor crítico está predisposto à mudança, ao novo, a aceitação do diferente” (2007, p.50), ao mesmo tempo que, respeitosamente, aceita as curiosidades, as inquietudes e experiências dos alunos.

O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é *dialógica*, aberta, curiosa, indagadora, e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professores e alunos se assumam epistemologicamente curiosos. (FREIRE, 2007, p.86)

Quanto às propostas de ensino da filosofia - a reflexão sobre as ações, conteúdos ou o próprio pensamento - apontamos que “o papel do professor, é o de ser pedagogicamente enérgico e filosoficamente maleável” (WONSOVICZ, 2005, p.98), é fundamental que saiba distinguir o fazer do estudar filosofia, pois ao tratar o filosofar como práxis do ensino da filosofia, fica evidente que não podemos nos prender ao mero repasse da história e pensamentos dos filósofos. Em outras palavras, estudar filosofia é adotar como prática o repasse dos conteúdos da história da filosofia, ficando limitado ao pensamento dos filósofos sem ao menos contextualizar com a nossa época; fazer filosofia é proporcionar aos alunos a reflexão: o filosofar diante de determinadas problemáticas ou qualquer conteúdo escolar; filosofar é a característica primordial para o ensino da filosofia.

Destarte, cabe ao professor que os conteúdos escolares estejam em sintonia com a filosofia e permita a reflexão das crianças; as mesmas devem ser instigadas a pensar, sentir, conhecer e criar; dizemos que os alunos desenvolvem um pensar melhor, confrontando o seu pensamento com o de outro.

Os professores precisam envolver-se com a meta de ensinar a filosofar, devem respeitar a individualidade do aluno e os assuntos propostos em uma discussão filosófica; o professor não é detentor do conhecimento, está em constante aprendizado. Neste caso, reafirmamos que a atuação crítica, necessita dia-a-dia da capacidade aguçada do professor em indagar, comparar e agir com bom senso.

Além das características que permeiam o trabalho docente, como a criticidade e a reflexividade, sabemos que há outros inúmeros elementos que envolvem essa prática, desde materiais didático-pedagógicos até a estrutura fornecida pela escola; no entanto, não nos limitamos a esse parecer quando mencionamos a necessidade de filosofar, pois para os autores estudados, como Lipman, Ghedin e Freire, atingir a consciência filosófica de todos os alunos é alicerçá-los contra a alienação, então, educar para o pensar não necessita obrigatoriamente de espaços privilegiados, a contextualização dessa realidade é o que tematiza a prática filosófica.

A avaliação também integra essa prática, por isso deve existir coerência nos objetivos traçados: avaliar é um processo contínuo do pensamento. Conceber a

avaliação como instrumento que determina o valor ou mede o conhecimento dos alunos é fator histórico, mas não é o fundamental na proposta do ensino da filosofia. Filosoficamente, a avaliação está presente nas nossas vidas e, em várias situações, somos avaliados ou nos avaliamos; em sala de aula, ao tratar questões do pensamento, se pode avaliar os fracassos ou conquistas da turma, o ritmo, o nível de clareza, como se comportam diante dos temas filosóficos entre outros.

O que percebo é que avaliar é algo presente em quase todas as situações humanas. O olhar do homem cai sobre o mundo e sobre si mesmo, imbuído da tentativa de avaliar [...] Pensar a avaliação de dentro do conceito de ser humano nos faz pensar nela mais global e universalmente. Nos permite olhá-la de um ponto de vista filosófico. (KOHAN, 1998, p.176)

Logo, o educador deve possuir o sadio hábito de filosofar, seu trabalho é fundamentado em entender filosoficamente o mundo e a história, deve engajar-se na ação transformadora e reformular seus métodos pedagógicos: ensinar a pensar não é apenas discordar ou concordar com seus alunos, isso não é fazer filosofia; ensinar a pensar é tornar-se sujeito dos questionamentos e ser a consciência crítica da sociedade, da escola e da educação.

Portanto, o papel do professor diante do processo de filosofar na escola, é reconhecer a importância da filosofia na educação, na formação de alunos autônomos, na necessidade de problematizar conteúdos e encontrar soluções, e o que é mais evidente na filosofia, nunca deixar de estabelecer o diálogo, a investigação e o incentivo à busca incessante pelo conhecimento.

Precisamos de professores que adotem em sua conduta um pensar filosófico, que se questionem para que e por que ensinar, que reconheçam que “há uma única educação que vale a pena: a que emancipa, sem emancipar.” (KOHAN, 2003, p.228).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia é, sem dúvida, um alicerce importante para a educação, principalmente quando ressaltamos o seu principal objetivo: formar cidadãos autônomos, críticos e atuantes. Esse processo de emancipação inicia nos primeiros anos escolares, por meio da reflexão – fundamento da filosofia – fazendo com que as crianças pensem por si e pensem melhor, preparando-as para fazer as próprias escolhas, a atuar numa democracia, a respeitar e conviver harmoniosamente em sociedade.

O ensino da filosofia no espaço escolar está incluso em uma saliente problemática: inicialmente, porque há distorções quanto à concepção de filosofia, conseqüentemente, não há reconhecimento social de sua importância e necessidade para a educação e, é uma área em que as informações metodológicas e propostas para o filosofar estão sendo difundidas paulatinamente. Ainda assim,

Vantielen da Silva Silva

Dirlei Cherne da Cruz Ilivinski

O FILOSOFAR NA ESCOLA: UMA PRÁTICA POSSÍVEL?

existem centros educacionais de caráter científico e cultural, responsáveis por difundir a filosofia no nosso país: o Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças (SP) e o Centro de Filosofia: Educação para o Pensar (SC), ambos caracterizados como um sistema de ensino reflexivo que busca atingir crianças, adolescentes e professores.

Um dos grandes problemas, também, é associar o fracasso da filosofia aos seus conteúdos históricos, semelhante à preocupação com as outras disciplinas. No entanto, a proposta de ensino compreende uma relação dialógica do aluno com a sua realidade, a pedagogia da pergunta, a construção do conhecimento pelo filosofar, pelas indagações e questionamentos sobre as verdades construídas historicamente.

Designar a inserção da filosofia para crianças, gera muitas polêmicas, mas não estamos relacionando-a a encontrar ou formar seguidores para uma corrente filosófica. As crianças não se tornarão filósofos por terem filosofia, mas aprenderão a ter atitudes e pensamentos filosóficos que as habilitem para viver coletivamente, reconhecendo seus direitos e deveres. A meta é apresentar e proporcionar às crianças uma prática agradável, que possam ser autoras do próprio conhecimento, que através da experiência do filosofar elas usem e se aventurem numa travessia que só os filósofos eram capazes: fazer perguntas incansavelmente, pois são elas que movem o mundo. Ainda, as crianças que fazem filosofia, além de gostar, se expressam melhor, falam e escrevem melhor, tem bom desempenho nas outras disciplinas, são mais criativas e gostam de estudar.

Verificamos que a globalização instigou que a infância recebesse várias características incompatíveis ao seu desenvolvimento, hoje as crianças têm uma série de compromissos: aulas extras, cursos e atividades esportivas; entendem como ninguém de computadores, falam outra língua, mas não conseguem falar de si mesmas, não conseguem expressar suas angústias, seus medos ou suas conquistas; muitas vezes não conseguem se expressar ou lidar com acontecimentos diários, se tornam adultos antes do tempo. Por isso, a filosofia na sua complexidade, quer fornecer mais do que ferramentas para pensar dialogicamente. Paralelo a isso, ela tenta recuperar o que é essencialmente infantil, a fim de que seu desenvolvimento emocional seja seguro, para que não precise receber punições quando adultos. É na infância que se forma o caráter, por isso há necessidade de evidenciar suas características enquanto ser possuidor de conduta ética, reflexiva e outras características comuns à filosofia.

Há um grande debate quanto ao papel da educação na contemporaneidade e a filosofia precisa integrar esse processo porque, indubitavelmente, a era do conhecimento em constante transformação, necessita de um saber contextualizado, que se dá apenas pelo pensar melhor: o filosofar.

O filosofar na escola apresenta uma série de características comuns à tradição filosófica: é preciso entender o mundo, a realidade, para assim, modificá-lo. Desse modo, a filosofia não é a solução para todos os problemas sociais, políticos e

O FILOSOFAR NA ESCOLA: UMA PRÁTICA POSSÍVEL?

educacionais, mas a sua prática educativa contribui, indiscutivelmente, para uma atuação cidadã responsável e para a melhoria das relações humanas.

Sabemos que é possível fazer filosofia em todas as disciplinas e durante toda a vida escolar dos alunos, porém, essa prática depende da atuação docente. O ensino filosófico requer professores reflexivos, que se apoderem da interdisciplinaridade, de questionamentos, que não sejam meros professores de filosofia, mas que carreguem traços de um grande filósofo, que consolidem sua práxis na abordagem reflexiva, que não se limitem à reprodução de saberes, mas que busquem o novo, a formação continuada e coerente à realidade, que sejam flexíveis e estabeleçam comprometimento com a educação.

Para tanto, destacamos que o filosofar é uma prática possível e necessária na escola, porque permite que a educação esteja contextualizada com a globalização, no sentido de desenvolver desde a infância a autonomia e as competências do homem, como a reflexividade e criticidade. Ainda, em breve conceituação, se pode dizer que a prática filosófica é possível porque apresenta características comuns ao homem, principalmente das crianças; elas possuem um espírito de aventura, procuram novas descobertas, respostas e conhecimentos. O filosofar é possível, também, porque aos poucos essa proposta de ensino tem se ampliado nas perspectivas de fundamentação para a prática educativa. E, é necessária porque filosofar é uma ação revolucionária, que fornece suporte à argumentação coerente, ao diálogo com o mundo, suas políticas, cultura e outros, tornando-se indispensável para uma sociedade democrática, humanizada e justa.

A Filosofia se preocupa com a compreensão do homem num sentido global; com a formação de sua identidade, do seu conhecimento e de suas relações com o mundo. Ela oferece ferramentas para que as novas gerações, por meio de um pensar melhor, vençam as amarras das alienações e ideologias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. *ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente*.

CUNHA, José Auri. *Filosofia na Educação Infantil: fundamentos, métodos e proposta*. Campinas: Editora Alínea, 2002.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 13 ed. São Paulo: Ática, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

Vantielen da Silva Silva

Dirlei Cherne da Cruz Ilivinski

O FILOSOFAR NA ESCOLA: UMA PRÁTICA POSSÍVEL?

GALLO, Sílvio. *Chegou a hora da Filosofia*. Revista Educação. 116 ed. Disponível em: <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos.asp?codigo=12008>. Acesso em: 02 nov. 2008.

GHEDIN, Evandro. *Ensino da Filosofia no Ensino Médio*. São Paulo: Cortez, 2008.

HORN, Geraldo Balduino. *Da filosofia à filosofia do ensino da filosofia*. Disponível em: www.prograd.ufpr.br/neseef/artigos/novo/Texto%20G.%20Balduino.%20Anped.doc. Acesso em: 24 jan. 2009.

KOHAN, Walter Omar. *Infância entre educação e filosofia*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005.

KOHAN, Walter Omar; WAKSMAN, Vera. *Filosofia para Crianças na Prática Escolar*. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

LIPMAN, Matthew. *A Filosofia vai à escola*. 3 ed. São Paulo: Editora Summus, 1990.

LIMA, Renata. *Problematização de alguns pressupostos do ensino de filosofia para jovens*. Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/2008/28/textos/gt17/gt171016int.rtf. Acesso em: 24 jan.2009.

OLIVEIRA, Paula Ramos. *O sentido da filosofia na escola: (não) é o que pode ser*. Curitiba, 2004. Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/>. Acesso em: 08 ago.2009.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. *Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Adnilson José da. J. Infância e Educação na obra de Rousseau. IN: OLIVEIRA, Magda (Org). *Fundamentos Filosóficos da Educação Infantil*. Maringá: EDUEM, 2005. P. 75 – 83.

SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 14 ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

TRICHES, Ivo José (Org). *Tópicos da filosofia da educação*. IN: Filosofia e a formação humana na escola. 1 ed. Curitiba: Editora Iesde, 2006.

WONSOVICZ, Sílvio. *Programa Educar para o pensar: Filosofia para Crianças, Adolescente e Jovem*. Florianópolis: Editora Sophos, 2005.

Vantielen da Silva Silva

Dirlei Cherne da Cruz Ilivinski

O FILOSOFAR NA ESCOLA: UMA PRÁTICA POSSÍVEL?

THE PHILOSOPHY IN SCHOOL: A PRACTICAL POSSIBLE ?

ABSTRACT: Current perspectives of education represent a society that values knowledge fragmented and the reproduction of information, so there is great need for a reflective teaching practice through the inclusion of philosophy in school. The objective of this work is to analyze the possibilities and contributions of teaching philosophy to children, not only as a discipline of historical and philosophical contents, but as a reflective dialogue: the practice of thinking carefully and respectfully about what is taught in our society and the problems posed by it.

Key words: children, education, philosophy.

Recebido em 25 de maio de 2010; aprovado em 05 de julho de 2010.